



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

PAU, PÃO, PANO E POESIA: A EXCLUSÃO DO CORPO DO POETA

ASSINALADO

Fátima Maria de Oliveira

Neab/CEFET/RJ

fmorj@uol.com.br

O professor de literatura brasileira hoje, em suas aulas, pode valer-se de textos que foram por muito tempo “descartados pela única preocupação com a análise e interpretação dos gêneros nobres (poema, romance, conto). É o caso dos textos memorialistas e autobiográficos” (SANTIAGO, 1989, p. 167). Ainda, segundo o crítico e escritor Silviano Santiago, esse retorno não significa uma revalorização do positivismo originário da crítica vida-e-obra, em detrimento do prestígio das conquistas da leitura estética do texto literário. Memórias, diários, cartas, entrevistas e documentos pessoais do escritor são textos que enriquecem as interpretações dos seus textos ditos ficcionais ou poéticos. Trata-se de textos em que “o corpo do próprio autor foi dramatizado enquanto tal por ele mesmo” (SANTIAGO, 1989, p. 167).

A proposta de contrastar o texto poético ou de ficção e o texto de matriz autobiográfica irá revelar ao leitor do poeta simbolista Cruz e Sousa (1861 – 1898) dramas pessoais, cuja inclusão em sua obra através da arte, adquire o estatuto da transfiguração da dor de existir e de ser excluído, provocada sobretudo pelas discriminações sociais por ser negro e filho de escravos. Enfatiza-se, nos livros didáticos, a dimensão cósmica de sua obra, pela grandeza da visão transcendental que procurava poeticamente redimir as limitações da condição humana, transfigurando para uma dimensão metafísica a Dor, a Morte, o Mistério, o Inferno e o Infinito, alguns dos grandes temas da escola simbolista aos quais se dedicou.

Como professora de Ensino Médio, acredito que o uso da produção autobiográfica e/ou autoficcional do poeta Cruz e Sousa seja fator decisivo para a educação das relações etnicorraciais, em consonância com os requisitos da Lei 10.639/03 e suas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Parecer CNE/CP nº 003, de 10 de março de 2004). Diante da proposta de responder à demanda da população afrodescendente de reconhecimento e valorização de sua história,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

cultura e identidade, combate ao racismo e às discriminações que atingem particularmente os negros, cabe aos professores de literatura brasileira explorar textos autobiográficos de Cruz e Sousa como recurso para conhecer a complexidade que envolve o processo histórico de construção de identidades afrodescendentes em nosso país.

A vida do negro João da Cruz e Sousa torna-se um forte exemplo de historicidade negada ou distorcida e oferece material de reflexão acerca da necessidade de fortalecer identidades e direitos dos negros, a fim de se desmobilizar pensamentos, gestos e atitudes racistas e discriminatórias, ao mesmo tempo em que se

ponham em comunicação diferentes sistemas simbólicos e estruturas conceituais, bem como se busquem formas de convivência respeitosa, [...] em que estudantes, professores, servidores, integrantes da comunidade externa aos estabelecimentos de diferentes culturas interatuem e se interpretem reciprocamente, respeitando os valores, visões de mundo, raciocínios e pensamentos de cada um. (Parecer CNE/CP nº 003, 10 de março de 2004)

Ao escrever sobre a própria vida em cartas e textos poéticos de cunho autobiográfico, Cruz e Sousa deseja intensamente partilhar com os possíveis leitores, contemporâneos ou futuros, a dor da exclusão por motivos raciais. O ato de narrar a história da própria vida é uma espécie de remédio contra a solidão e o sofrimento, ao mesmo tempo em que funciona como forma de “autoconhecimento, autocriação e até autodefesa” (VILAS BOAS, 2002, p. 60)

O professor de literatura deve desempenhar junto a seus alunos o papel de mediador entre as experiências vividas pelo escritor negro Cruz e Sousa, recolhidas em seus textos autobiográficos, e as bases filosóficas e pedagógicas estabelecidas nas Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Etnicorraciais, com o propósito de questionar

relações etnicorraciais baseadas em preconceitos que desqualifiquem os negros e salientes estereótipos depreciativos, palavras e atitudes que, velada ou explicitamente violentas, expressam sentimentos de superioridade em relação aos negros, próprios de uma sociedade hierárquica e desigual (Parecer CNE/CP nº 003, de 10 de março de 2004)

A obra de Cruz e Sousa (1861-1898), desde suas primeiras aparições na vida cultural brasileira, foi marcada por avaliações opostas da crítica. Se de um lado,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

constatam-se leituras elogiosas de um reduzido grupo de amigos do poeta; de outro, os intelectuais renomados do período, como José Veríssimo e Araripe Júnior, chegam a ser duros e até mesmo preconceituosos do ponto de vista artístico e racial, quando escrevem sobre o poeta e seus versos.

A publicação de dois livros, *Missal*, de prosa, e *Broquéis*, de versos, no ano de 1893, pela Editora Magalhães & Companhia, na capital do país, projeta nacionalmente o poeta catarinense e situa-o historicamente na vanguarda da arte literária brasileira.

O lançamento de *Broquéis* leva o naturalista Adolfo Caminha a reconhecer o valor da novidade inscrita nos versos de Cruz e Sousa. Em texto escrito em 1893, torna-se uma das primeiras vozes a recomendar a originalidade do livro:

Se me perguntassem, porém, qual o artista mais bem dotado entre os que formam a nova geração brasileira [...] eu indicaria o autor dos *Broqueis*, o menosprezado e excêntrico aquarelista do *Missal*, muito embora sobre mim caísse a cólera olímpica do parnaso inteiro. Erro, talvez, de observação e de crítica, mas o que é certo é que eu vejo em Cruz e Sousa um poeta originalíssimo, de uma rara sensibilidade estética, sabendo compreender a Arte e respeitá-la, encarando a vida com a independência de quem só tem um ideal – a perfeição artística. (CAMINHA, apud GUIMARÃES: 1997, p. XXI)

Apesar de os amigos considerarem Cruz e Sousa um dos “verdadeiros e inatacáveis escritores modernos” e Adolfo Caminha apontá-lo como dotado de rara sensibilidade estética, a crítica de Araripe Júnior contrariaria esses julgamentos. Sobre *Missal*, Araripe Júnior dizia ser um livro de prosa cadenciada e, quanto à técnica, de gênero semelhante ao das *Canções Sem Metro*, de Raul Pompéia. Mas afirmava:

Entre as *Canções Sem Metro* e a obra do poeta catarinense, há uma grande diferença determinada desde logo pela raça e pelo temperamento de cada um. Raul Pompéia possui a acuidade dos psicólogos da nova geração e um espírito profundamente inclinado à filosofia sugestiva [...]. Cruz e Sousa, porém, anda em esfera muito diferente. De origem africana, como já disse, sem mescla de sangue branco ou indígena, todas as qualidades de sua raça surgem no poeta em interessante luta com o meio civilizado que é o produto da atividade cerebral de outras raças. A primeira consequência desse encontro é a sensação da ‘maravilha’. Cruz e Sousa é um maravilhado. [...] Ingênuo no meio da civilização ocidental, para a qual seus antepassados concorreram apenas com o braço físico, ele olha para tudo com os olhos de um Epimênides: e todas as suas sensações são condicionadas por um movimento de surpresa que se dilui imediatamente em gestos de adoração. Imagine-se esse africano na Rua do Ouvidor, transportado de uma cidade pequena e acanhada como é a capital de Santa Catarina. Tudo nele se transforma em sensações de naufrago de uma raça que, pelos seus dotes, se encontra iniciado na grande vida e relativamente acomodado no seio ‘harmonioso’ (como ele mesmo diz) dessa deliciosa movimentação. As *professional beauties* que passam lançam-lhe olhares cheios de curiosidade; e o poeta, especialmente se se trata de uma loura, fica em hipnose [...]. Adiante o perambulante estaca em frente de um grupo e refere-se aos amigos de *cabaret*;



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

ouve pareceres, opina sobre escolas e agride os que não lhe parecem intelectuais. Intelectual, como ele, não há muitos, dizem os sodalícios. E ele [...] destaca-se do grupo e vai se embevecer diante de uma vitrina, cheia de jóias, de bibelôs [...]. (MAGALHÃES Jr.: 1975, pp. 207 - 208)

Pressupostos deterministas se conjugam com a crítica de feição psicológica, e a afirmação do talento poético ou mesmo da capacidade intelectual de Cruz e Sousa, permeada por uma linguagem notadamente irônica, tem a intenção de justamente negar esses atributos. A referência à cor da pele do poeta serve-lhe de argumento para negar-lhe a equiparação à cultura dos brancos. A origem africana sem “mescla de sangue branco ou indígena”, coloca-o, ainda no dizer do crítico, em um patamar de inferioridade, uma vez que a civilização ocidental resulta da “atividade cerebral de outras raças”, restringindo-se a participação dos negros à atividade física, através do trabalho do braço escravizado. Araripe Júnior com o objetivo de fortalecer a tese da incapacidade dos negros “sem mescla” para atividades no “meio civilizado”, dá prosseguimento ao seu juízo:

Os livros dos novos poetas o preocupam. Nesse momento a raça sente a necessidade de um grande esforço para fugir não só ao ritual natural dos antepassados, mas também à sua predileção pelos tons vermelhos e pela passagem rápida das cores vivas, sem acenúbios que caracterizam a arte primitiva. Como, porém, evitar essa fatalidade? O poeta lê e busca vertiginosamente nos livros dos nefelibatas e nas obras indicadas pela escola, o vocabulário, a técnica e as situações individuais que mais lhe convém adaptar. Uma verdadeira caça à palavras e ao gesto. (MAGALHÃES Jr.: 1975, pp. 208 – 209)

As palavras de Araripe Júnior condenam Cruz e Sousa à inevitabilidade do fatalismo da “arte primitiva”, produto da cultura africana, assim como o crítico entende e conceitua tal arte, diferenciada, no seu entender, por um “ritmo natural”. O poeta precisaria fazer um enorme esforço para acercar-se da linguagem, da técnica e do gesto próprio da arte civilizada.

Anteriormente, fiz referência ao ideário determinista que dá embasamento à leitura de Araripe Júnior sobre o autor Cruz e Sousa e sua obra e passo agora a apresentar resumidamente em que consistiu esse conjunto de ideias novas e como prosperou no Brasil do século XIX. A década de 1870 é entendida como um marco para a história das ideias no Brasil, uma vez que representa o momento de entrada de todo um novo ideário positivo-evolucionista em que os modelos raciais de análise cumprem um



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

papel fundamental. O argumento racial foi “política e historicamente construído nesse momento, assim como o conceito de *raça*, que além de sua definição biológica acabou recebendo uma interpretação sobretudo social” (SCHWARCZ, 1993, p. 17). Nesse contexto histórico específico, que tanto investiu em modelos biológicos de análise, o termo *raça*, “antes de aparecer como um conceito fechado, fixo e natural, é entendido como um objeto de conhecimento”. (SCHWARCZ, 1993, p. 17). No Brasil, a partir dos anos 70, a adoção de um discurso científico evolucionista serve para explicar as diferenças internas. Os mesmos modelos que explicavam o atraso brasileiro em relação ao mundo ocidental passavam a justificar novas formas de inferioridade. Negros, africanos, trabalhadores, escravos e ex-escravos – “classes perigosas” a partir de então – nas palavras de Sílvio Romero transformam-se em “objetos de ciência”. Era a partir da ciência que “se reconheciam diferenças e se determinavam inferioridades”. (SCHWARCZ, 1993, p. 28).

Ainda que o julgamento do crítico atenda às ideias positivo-evolucionistas em voga, equivoca-se ao atribuir a Cruz e Sousa o comportamento de um “maravilhado”, cujo deslocamento de uma cidade pequena, como era Desterro na época, para o Rio de Janeiro, torná-lo-ia um “acomodado no seio ‘harmonioso’ dessa deliciosa movimentação” da Rua do Ouvidor. Cruz e Sousa não se comportará, na capital, como um deslumbrado, nem a trajetória de sua obra lhe reservará exatamente o lugar de “náufrago de uma raça”. Bem cedo, Cruz e Sousa tomará consciência da diferença real que, na sociedade brasileira, havia entre negros e brancos, muito mais acentuada e notável que a separação entre brancos pobres e ricos, e adotará estratégias de comportamento que lhe permitam sobreviver nesse meio sem atitudes de conivência e bajulação. Se foi, de fato, expulso da glória literária e do reconhecimento social em vida, por motivos de cunho racial, a sua morte abre novas perspectivas de acolhimento para os seus poemas publicados e também para os inéditos, e até mesmo a história de vida do poeta adquire renovado interesse e dimensão, se considerarmos as diferentes biografias publicadas sobre Cruz e Sousa.

A obra poética de Cruz e Sousa constrói-se nos embates de sua experiência, de cuja constituição seu corpo negro não pode ser omitido. O corpo é “a marca do indivíduo, a fronteira, o limite que, de alguma forma, o distingue dos outros. Na medida



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

em que se ampliam os laços sociais e a teia simbólica provedora de significações e valores, o corpo é o traço mais visível do ator.” (LE BRETON, 2007, p. 10)

Não é incomum que os textos do poeta apresentem a sua condição de excluído, principalmente, quando se anuncia como irremediável o fim de sua vida. Em *Últimos Sonetos*, livro póstumo, encontram-se vários sonetos em que se dramatizam simbólica e alegoricamente, através de uma voz trágica, o dilema histórico da exclusão: “sua fala grava ao mesmo tempo a figuração do poeta-assinalado e a resposta ao estigma daquele a quem o mundo histórico e social não reconhecia.” (RABELLO, 2006, p.232). É o caso, entre outros, de sonetos como “Vida Obscura”, onde se lê: “O mundo para ti foi negro e duro. / Atravessaste num silêncio escuro / A vida presa a trágicos deveres.”; “O Assinalado”: “A Terra é sempre a tua negra algema./ Prende-te nela a extrema desventura.”; “Ódio Sagrado”: “Ó meu ódio, meu lábaro bendito, / Da minh’alma agitado no infinito, / Através de outros lábaros sagrados.”; “Exortação”: “Corpo crivado de sangrentas chagas, / Que atravessas o mundo soluçando./ Que as carnes vais ferindo e vais rasgando / Do fundo d’Ilusões velhas e vagas, / Grande isolado das terrestres plagas.” (CRUZ E SOUSA, 1995, pp. 181, 201, 211). Nos versos citados, trama-se o desencanto e o isolamento do poeta, cujo “ódio sagrado” e as “sangrentas chagas” atira e expõe ao mundo como resposta à exclusão, mesmo sabendo que seus poemas não produzem mudanças imediatas no plano social e histórico.

O estigma a que se refere Ivone Daré Rabello --- conceito tantas vezes usado pelos críticos e biógrafos do poeta desterrense --- projeta em seu sentido figurado aquilo que abrange todo o seu corpo e marca ou assinala Cruz e Sousa com um aspecto supostamente infamante e vergonhoso. A preferência do poeta por um vocabulário culto e, por vezes, raro fê-lo escolher o termo *labéu*, para se referir simbolicamente à nota infamante ou à mancha na reputação, que atinge aqueles que por carregam alguma marca ou apresentam comportamentos considerados diferentes.

As contradições reais da existência de Cruz e Sousa advêm do fato de estar impregnado da cultura da classe dominante, mas ter sido submetido, pela condição social e o “estigma” da cor, à segregação social e cultural de que não era possível escapar naquele contexto pós-Abolição.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

João da Cruz e Sousa descendia de uma família de negros, naturais de Desterro. O pai, o mestre-pedreiro Guilherme de Sousa, quando do nascimento do filho, ainda era escravo do coronel, depois marechal-de-campo, Guilherme Xavier de Sousa e sua esposa Clara Angélica Xavier de Sousa; a mãe, Carolina Eva da Conceição, cozinheira e lavadeira, já estava liberta, quando o filho João nasceu. Portanto, com pai escravo e mãe liberta, é possível dizer que o menino João da Cruz se não foi escravo, foi, pelo menos, “meio-escravo” (ALVES, 2008, p. 14) e a sua infância, na cidade de Desterro, capital de Santa Catarina, foi “marcada pelos sobressaltos de vidas submetidas ao jugo do escravismo” (ALVES, 2008, p. 15). A situação do escravo no Brasil estava irremediavelmente ligada a atividades subalternas e à precariedade de condições de vida e sobrevivência, dada a violência do sistema escravocrata. O jesuíta italiano Antonil, em trecho bastante citado de *Cultura e Opulência no Brasil*, de 1711, resume em três Ps, as necessidades do escravo no Brasil: “pau, pão e pano”. E acrescenta: “E, posto que comecem mal, principiando pelo castigo que é o pau, contudo, prouvera a Deus que tão abundante fosse o comer e o vestir como muitas vezes é o castigo [...]” (ANTONIL apud LOBO, 2008, p. 144). Os três Ps descritos pelo jesuíta apresentam os corpos negros como espécies de documentos históricos, onde se inscrevem os acontecimentos próprios da escravização: castigos físicos e escassez de recursos para a manutenção e proteção desses corpos. “Pau, pão e pano” articulam o corpo negro com a história e mostram essa história promovendo a ruína desses corpos. O corpo escravizado modela-se através das cruéis tecnologias de domesticação, necessárias ao funcionamento de uma sociedade capitalista, cuja manutenção dependia da força de trabalho do braço africano ou afro-descendente. Não se nega que também tenha havido relações paternais entre senhores e escravos, como pode ter sido o caso do marechal Guilherme Xavier com os pais do pequeno João da Cruz, e nem que se tenham estabelecido laços afetivos de gratidão recíproca, entretanto, mesmo em casos como esses, fidelidade e rigorosa obediência deviam sempre estar presentes.

O mesmo momento histórico que constringia a vida do jovem João da Cruz, negro liberto, também lhe apontava para a autonomia em territórios sociais mais valorizados do que aqueles a que estavam condenados seus pais quando alforriados. Afinal, ele conseguiu alfabetizar-se e estudou no Colégio da Conceição (1872 – 1874) e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

no Ateneu Provincial Catarinense (1874) (ALVES, 2008, p. 33). Em 1872, só havia “um quinto de todos os brasileiros livres considerados alfabetizados num recenseamento nacional e nem mesmo um escravo em mil sabia ler e escrever.” (CONRAD, 1975, p. 26)

A vida do jovem Cruz ganhou grande impulso com a sua saída do Ateneu Provincial e o início de suas atividades de cunho político e cultural em Desterro. Escreve e publica artigos e poemas na imprensa local e atua intensamente em agremiações artísticas, abolicionistas, jornalísticas e teatrais. Declamando seus textos poéticos, em eventos locais, o filho de ex-escravos julgava ocupar os mesmos espaços da elite desterrense e alimentava o desejo de alcançar um futuro promissor na política ou nas letras. Em entrevista ao jornal *A Noite*, em 1915, Pedra Antioquia da Silva, ex-noiva do poeta em Desterro, antes de ele se mudar para o Rio, diz que “quase sempre [...] ouvia dos lábios de Cruz e Sousa: ‘--Ainda hei de ser governador de Santa Catarina! ou então: ‘—Hei de morrer mas hei de deixar nome.’” (ALVES, 2008, p. 103).

Desde muito jovem, Cruz e Sousa buscou distinguir-se, não apenas como escritor, no cenário provinciano de Desterro, mas também como cidadão, ao vestir-se em desacordo com a indumentária “própria” de um negro e ao optar pela moda do *boulevard* parisiense. Num trecho de suas memórias, Araújo Figueiredo, contemporâneo de Cruz, recorda-se dos trajes do jovem poeta, que

[...] sempre trajou com certa originalidade, usando roupas apertadas, que lhe davam ao corpo bastante elegância. Queria os sapatos bem brunidos, porque com os sapatos sujos, enlameados, não podia ter ideias. E a sua bengala predileta representava a cabeça de um *gavroche*; bengala que ele fincava no chão a cada passo que dava, com o corpo apumado, sempre ritmado. [...] Sempre usou chapéu duro [...]. (FIGUEIREDO, apud MAGALHÃES Jr.: 1975, p. 29)

O poeta certamente chocava, pelos modos de vestir e apumar o corpo, aos que consideravam haver um lugar e um gestual específicos para o negro, pois “os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeição moral ou de pertencimento de raça” (LE BRETON, 2010, p. 78). Cruz e Sousa ousava desrespeitar a lógica da ordem imaginada pelos brancos, mas com essa atitude destoante, de alguma forma, redimia aqueles antepassados escravizados cujo “pano” nunca era suficiente para cobrir-



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

lhes os corpos e também eram proibidos pelos senhores, desejosos de instituírem signos de diferenciação, de usar sapatos.

É o desejo legítimo de “deixar nome” que leva Cruz e Sousa, em 1888, a viajar para o Rio em busca de uma posição de destacada nas letras e no jornalismo local. Um mês depois de feita a Abolição, estava Cruz e Sousa na Capital do Império, onde viveria algumas desilusões. A maior delas foi a completa indiferença com que se viu tratado pelo antigo Presidente de Santa Catarina, Alfredo Taunay, então prestes a receber o título de visconde. Taunay, dois dias antes, conquistara a cadeira vitalícia de senador por Santa Catarina, que já representava na Câmara dos Deputados. Tinha ligações políticas com a província sulina e Cruz e Sousa trouxera, para ele, recomendações em que depositava vivas esperanças. Entretanto, escreveria, do Rio de Janeiro, no próprio mês de sua chegada:

Corte, junho de 1888. – Caro amigo Germano Wendhausen. – Cá estou nesta grande capital [...]. O senador Taunay recebeu a minha carta, isto é, a carta que os adoráveis e distintos amigos aí me deram para ele; porém nem ao menos me mandou entrar, procedimento esse que me autorizou a não mais voltar à casa de tal senhor. Embora eu precise fazer carreira, não necessito, porém, ser maltratado; e, desde que o sou, pratico conforme a norma do meu caráter. – Deixemos o senhor Taunay que não passa de um parlapatão em tudo por tudo. [...] A imprensa tem me recebido bem, tenho sido apresentado a todos os escritores da corte, alguns dos quais conhecem-me.[...]. Sou, com consideração e sinceridade, amigo e criado agradecido – Cruz e Sousa. (CRUZ E SOUSA: 1995, p. 821)

Na Corte, o corpo do escritor negro é barrado na soleira da porta da casa do senador Taunay. A carta com a recomendação dos distintos amigos do sul é recebida, porém o portador não. Sente-se maltratado, como se tivesse experimentado “o castigo que é o pau”. Mas também será atingido pela escassez do “pão”, uma vez que torna-se difícil alcançar, na Corte, uma colocação à altura de seus dotes intelectuais. Desabafa o escritor na carta enviada ao conterrâneo e amigo Virgílio Várzea:

Corte, 8 de janeiro, de 1888. / Adorado Virgílio: Estou em maré de enjôo físico e mentalmente fatigado. Fatigado de tudo: de ver e ouvir tanto burro, de escutar tanta sandice e bestialidade e de esperar sem fim por acessos na vida, que nunca chegam. Estou fatalmente condenado à vida de miséria e de sordidez, passando-a numa indolência persa bastante prejudicial à atividade do meu espírito e ao próprio organismo que fica depois amarrado para o trabalho. Não sei onde vai parar esta coisa. Estou profundamente mal e, ao mesmo tempo, longe daí... [...] Não imaginas o que se tem passado por meu ser vendo a dificuldade tremendíssima, formidável em que está a vida no Rio de Janeiro. Perde-se em vão tempo e nada se consegue. Tudo está furado, de um furo monstro. Não há por onde seguir. Todas as portas e atalhos fechados ao caminho da vida e, para mim, pobre artista



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ariano, ariano, sim porque adquirir, por adoção sistemática, as qualidades altas dessa grande raça, para mim que sonho com a torre de luar da graça e da ilusão, tudo vi escarnecedoramente, diabolicamente, num tom grotesco de ópera bufa. Quem me mandou vir cá abaixo à terra arrastar a calceta da vida! procurar ser elemento entre o espírito humano?! Para quê? Um triste negro, odiado pelas castas cultas, batidos das sociedades, mas sempre batido, escorraçado de todo o leito, cuspidos de todo o lar como um leproso sinistro! Pois como! Ser artista com esta cor! Vir pela hierarquia de Eça ou de Zola, generalizar Spencer ou Gama Rosa; ter estesia artística e verve, com esta cor? Horrível! (CRUZ E SOUSA: 1995, p. 822)

Ao adotar uma visão cindida entre o “artista ariano” e a cor da pele --- metonímia de seu corpo --- Cruz e Sousa assume uma visão dualista e muito própria da metafísica ocidental em que se perpetuam velhas hierarquias, quando a mente ou o espírito é valorizado e o corpo desprezado. Ao defrontar-se com “portas e atalhos fechados”, o poeta revela a inoperância das hierarquias culturais que privilegiam o espírito, produtor de sonhos --- “torre de luar da graça e da ilusão” --- em detrimento do corpo --- “organismo [...] amarrado para o trabalho”. Torna-se, assim, inegável para o poeta o fato de ser o corpo a marca do indivíduo e, portanto, lugar de distinção diante dos outros, uma vez que “a silhueta humana, [...] abala, [...] cativa, [...] decepciona ou [...] aborrece, mas nunca [nos] deixa indiferente [s]” (J. -D. NASIO, 2009, p. 82). O abalo, a decepção, o aborrecimento provocado pelo corpo negro expressa-se na constatação melancólica: “Ser artista com esta cor!”

Diante do quadro de exclusão descrito na carta, decide voltar para Santa Catarina em março de 1889, onde voltará a trabalhar na precária imprensa provinciana. Apesar dos dissabores vividos na Corte, não abandonará o desejo aproximar-se dos meios intelectuais daquele grande centro urbano, onde poderia afirmar seu engenho e sua arte e, mais uma vez, agora definitivamente, irá embarcar para a já então Capital Federal em 1890, depois de ter aceitado uma colocação como noticiário da *Cidade do Rio*. Além de trabalhar nesta revista, o poeta se esforçava ao máximo para divulgar colaborações em verso e em prosa em outras publicações, sem receber qualquer remuneração, a fim de tornar mais conhecido o seu nome. Apesar das adversidades encontradas na capital, detalhadamente expostas por Raimundo Magalhães Jr., em seu *Poesia e Vida de Cruz e Sousa*, o poeta negro não se curvava à pretensa superioridade intelectual do meio em que viveu por aproximadamente 8 anos, até sua morte em março de 1898. Sobre a altivez do poeta diante dos que dele se aproximavam, é significativo o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

depoimento de Gonzaga Duque, no artigo “O Poeta negro”, de 1909, publicado na revista mensal *Kosmos* e transcrito por Magalhães Jr.:

Esse exterior prejudicou-o muitas vezes. Os que para ele iam, conduzidos pelos elogios de seus amigos e recalçavam por delicadeza as prevenções que, por ventura, houvessem contra a sua escola literária ou, tolamente, contra a cor de sua epiderme, lhe sentiam o arzinho desafiante, a atitude provocadora, o modo irreconciliável, quando lhes faltava espírito para se dominarem o conflito estalava. (GONZAGA DUQUE, apud MAGALHÃES Jr: 1975, p. 172)

O “modo irreconciliável” acompanhará Cruz e Sousa desde sua chegada ao Rio, em 1890, até sua morte, em 1898, em Sítio, estado de Minas Gerais. O “arzinho desafiante” e a “atitude provocadora” eram as fronteiras impostas àqueles que discriminavam a cor de sua epiderme. O desejo de glória por via da cultura ou de cooptação/aceitação estava destinado ao fracasso, portanto, a partir dessa constatação, assume em seus poemas a condição dilacerada de negro cujo ideal único é a perfeição artística, resultante de uma rara sensibilidade estética, já apontada por Adolfo Caminha. A poética enigmática, feita de imagens afastadas das tensões histórico-sociais, concentra na linguagem as virtudes da reação contra a prepotência do estatuto social e literário dominante. Nas escolhas poéticas de Cruz e Sousa,

a arte não apenas substituiria as tensões históricas na constituição simbólica, mas também efetivaria a crítica da práxis enquanto dominação. A forma simbólica, assim, nada teria a ver com o infeliz compromisso do ‘deleite artístico’. Em Cruz e Sousa, ela seria a trama pela qual se construiriam as peripécias dos antagonismos não-resolvidos da realidade histórica, tal como apreendidos pela experiência do poeta. (RABELLO: 2006, pp 104-105)

A experiência do poeta, no entanto, não pode eliminar o corpo, substituindo-o pela “forma simbólica”. As condições de vida no centro do Rio desenham um cenário em que já não era possível esconder a insalubridade, a carestia, o desemprego, a miséria. O emprego de arquivista da Estrada de Ferro Central do Brasil, obtido por “relações de favor”, não permite ao poeta manter-se, nem sustentar esposa e filhos com dignidade. Cruz e Sousa distanciava-se cada vez mais da figura elegante e exótica que tanto incomodava a burguesia de Desterro e os intelectuais do Rio. Dedicava-se à rotina da Central do Brasil e visitava regularmente as redações sem achar espaço de publicação. Recluso em sua casa, escrevia sobre sua exclusão, na chave da “poética do indizível” (RABELLO, 2006, p. 55). Os sintomas da tuberculose já se faziam sentir. De dezembro de 1897 a março de 1898, o quadro da doença se agravava, a penúria aumentava e a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

música da Morte, a nebulosa, /estranha, imensa música sombria (Cruz e Sousa, “Música da Morte”) passa a rondar o poeta. Em carta de dezembro de 1897, Cruz e Sousa apresenta ao amigo Nestor Vítor um apelo pungente:

Meu Nestor. / Não sei se estará chegando realmente o meu fim; -- mas hoje pela manhã tive uma síncope tão longa que supus ser a morte. No entanto, ainda não perdi nem perco de todo a coragem. Há 15 dias tenho tido uma febre doida, devido, certamente, ao desarranjo intestinal em que ando. / Mas o pior meu velho, é que estou numa indigência horrível, sem vintém para remédios, para leite, para nada, para nada! Um horror! / Minha mulher diz que eu sou um fantasma que anda pela casa! / Se puderes vir hoje até cá, não só para me confortares com a tua presença, mas também para me orientares n’algum ponto desta terrível moléstia, será uma alegria para o meu espírito e uma paz para o meu coração. (CRUZ E SOUSA: 1995, p. 834)

A miséria e a doença não lhe tiram de todo a coragem que empenha na escrita de poemas e da prosa poética que irão compor os livros póstumos “Evocações”, “Últimos Sonetos” e “Faróis”, onde o tema da morte e da exclusão são urdidos de modo a dar destaque à possibilidade de superação dessas tirânicas presenças através da arte: “Tu és o Poeta, o grande Assinalado / Que povoas o mundo despovoado, / De belezas eternas, pouco a pouco...” (*Últimos sonetos*).

As “belezas eternas” invocadas pelo “grande Assinalado” não desfazem o sofrimento físico. A síncope, a febre, o desarranjo intestinal, o estado de indigência material, a moléstia evocam a corporeidade do poeta malsinado. O corpo negro de Cruz e Sousa ocupou o lugar do próprio sujeito que escolheu ser poeta, mas tornou-se excluído pelos significantes corporais contra os quais nada podia fazer e cuja singularidade lhe determinou, direta ou indiretamente, o curso da existência. O poeta auto-proclama-se *Assinalado*, mas não desconsidera, como negro, a sua condição de *emparedado de uma raça*. O livro *Evocações* traz um contundente texto em prosa, “Emparedado”, em que Cruz e Sousa dá vazão ao seu “ódio sagrado” diante da indiferença com que foi tratado por “proceder de uma raça que a ditadora ciência d’hipóteses negou em absoluto para as funções do Entendimento e, principalmente, do entendimento artístico da palavra escrita.” (CRUZ E SOUSA, 1995, p. 669). Ainda que nesse texto reconheça-se como o “supercivilizado dos sentidos” (p. 668) para quem a “química biológica do pigmento” (p. 669) não deve importar, o tom exaltado do texto denuncia o quadro de exclusão com que ininterruptamente conviveu.



Nesse mesmo texto, o poeta lança ainda questões de modo a sensibilizar o leitor para o valor de sua arte em detrimento da cor de sua pele: “Mas, que importa tudo isso? Qual é a cor da minha forma, do meu sentir? Qual é a cor da tempestade de dilacerações que me abala? Qual a dos meus sonhos e gritos? Qual a dos meus desejos e febres?” (CRUZ E SOUSA, 1995, p. 669). A posse da cultura dominante e a adesão ao simbolismo não tornaram a cor do poeta invisível, ao contrário, acentuaram ainda mais o contraste entre o corpo negro e as formas estéticas com que Cruz e Sousa construiu sua obra: “o poeta parecia entregar-se à imitação de um estilo de época cujas matrizes, além de estarem fora de seu contexto próprio, tendiam a afastá-lo, pela forte idealização, do dramatismo e da negatividade do mundo real.” (ARRIGUCCI Jr., 1999, p. 183).

Ao racismo não importa o sentir, as dilacerações, os sonhos e desejos, evocados pelo poeta. Não é ao espírito que o racismo dá importância, mas ao corpo, ao imaginário do corpo. A diferença é transformada em estigma:

a presença do Outro se resume à presença de seu corpo: ele é seu corpo. [...]. O corpo não é mais moldado pela história pessoal do ator numa dada sociedade, mas ao contrário, aos olhos do racista, são as condições de existência do homem que são os produtos inalteráveis de seu corpo. (LE BRETON: 2010, pp. 72-73)

E é por isso que Cruz e Sousa ouvia uma “voz ignota”, talvez “acordes da grande lira noturna do Inferno e das harpas remotas de velhos céus esquecidos” (p. 672), murmurar-lhe:

--- “Tu és de Cam, maldito, réprobo, anatematizado! Falas em Abstrações, em Formas, em Espiritualidades, em Requintes, em Sonhos! Como se tu fosses das raças de ouro e da aurora, se viesses dos arianos, depurado por todas as civilizações, célula por célula, tecido por tecido, cristalizado o teu ser num verdadeiro cadinho de idéias, de sentimentos --- direito, perfeito, das perfeições oficiais dos meios convencionalmente ilustres! [...]

Artista! pode lá isso ser se tu és d’África, tórrida e bárbara [...].

Artista?! Loucura! Loucura! Pode lá isso ser se tu vens dessa longínqua região desolada, lá no fundo exótico dessa África sugestiva, [...] dessa flagelada África, grotesca e triste, melancólica [...] fulminada pelo banzo mortal; [...] sobre cuja cabeça nirvanizada pelo desprezo do mundo Deus arrojou toda peste letal e tenebrosa das maldições eternas!” (CRUZ E SOUSA: 1995, p. 672)

Egoísmos e Preconceitos, Ciências e Críticas, Despeitos e Impotências, Imbecilidades e Ignorâncias (p. 673) formam, no dizer do poeta, as graníticas paredes, entre as quais ele se representa como o “verdadeiro emparedado de uma raça” (p. 673). A história individual, a cultura, os sonhos de criação, o domínio da arte poética são neutralizados,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

apagados, em prol do imaginário corpo coletivo, subsumido sob o nome de raça. Mais pedras, mais pedras! E as estranhas paredes não de subir, mas não não de impedir que sejam “carnais, sejam carnavais tantos desejos, / carnavais, sejam carnavais tantos anseios, palpitações e frêmitos e enleios” do poeta negro, cuja vida, no século XIX, ainda foi marcada pelos três Ps, sugeridos pelo jesuíta Antonil, aos quais se acrescentou o P da poesia.

Histórias de vida, como a do poeta Cruz e Sousa, são fundamentais na construção de referências positivas para os alunos e, em especial, os negros. A biografia é um gênero textual que, adequadamente utilizado como recurso pedagógico, amplia o universo de informações e permite o estabelecimento de relações, quando se contextualizam o período e as situações que ali são relatadas. Revisitar a literatura brasileira por meio do estudo da biografia de escritores negros enriquecerá a visão de todos os estudantes sobre a complexa constituição de diferentes áreas de conhecimento ao longo da nossa história, sem deixar de considerar a importância de artistas e intelectuais negros nessa trajetória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Uelintos Farias. *Cruz e Sousa*. Dante Negro do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2008

ARRIGUCCI Jr., Davi. “A noite de Cruz e Sousa” In: *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Parecer CNE/CP nº 003, de 10 de março de 2004. Brasília: MEC/Sepir, 2004

CONRAD, Robert. *Os últimos anos da escravidão no Brasil – 1850 – 88*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975

CRUZ E SOUSA, João da. *Cruz e Sousa*. Obra Completa. Organização Andrade Murici; atualização Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

GUIMARÃES, Júlio Castanõn. “Simbolismo e Cruz e Sousa”. In: CRUZ E SOUSA, João da. *Últimos Sonetos*. 3ª ed. revista, Florianópolis: Editora da UFSC; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: Brasília: INL, 1975



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. 4ª ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010

LOBO, Lília Ferreira. *Os infames da história*. Pobres, escravos e deficientes no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008

MAGALHÃES JR., Raimundo de. *Poesia e Vida de Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975

NASIO, J. –D. *Meu corpo e suas imagens*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009

RABELLO, Ivone Daré. *Um canto à margem*. Uma leitura da poética de Cruz e Sousa. São Paulo: Nankin: EDUSP, 2006

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas das letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

VILAS BOAS, Sergio. *Biografias & biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina